

INTRODUÇÃO À OBRA POÉTICA DE SÓROR VIOLANTE DO CÉU¹

Lucas Agostini de SOUZA²

Licenciando em Letras-Português – IFSP/Campus São Paulo

RESUMO

O presente artigo propõe uma breve introdução aos estudos da escola literária barroca de língua portuguesa, contextualizando escritoras do século XVII, com vistas a uma apresentação preliminar do trabalho da poetisa Soror Violante do Céu, autora de *Rimas Várias* (1646) – único livro da poetisa publicado em vida – e *Parnaso Lusitano de Divinos e Humanos Versos* (1733) – último livro da autora, publicado postumamente. Para esta apresentação inicial, tomamos, como ponto de partida, os estudos de Isabel Morujão (2004) e Eloísa Porto Corrêa (2015).

Palavras-chave: Poesia Barroca. Sórora Violante do Céu. Introdução Sórora Violante do Céu.

Introdução

O enfraquecimento de Portugal após conflitos contra holandeses e espanhóis, após tantas viagens marítimas, o estabelecimento da União Ibérica e a consequente guerra de Restauração levou a nação lusitana a uma crise econômica, política e social sem precedentes. A autonomia portuguesa e as novas perspectivas de crescimento viriam somente em 1640, com a retomada da coroa portuguesa. Destaque-se o fato de que toda a Europa enfrentava um momento de intensa crise filosófica, motivada pelo inapelável conflito entre humanismo renascentista e o medievalismo religioso delineado, sobretudo, pela ação da Contrarreforma Católica. A Europa e, por conseguinte, Portugal passavam por um momento de transição de sua ordenação econômica, política, social e cultural que acabou fixando, como marca para esse tempo, o ideal de uma cultura permeada pelos contrastes filosóficos e pelas ostentações materiais.

Nesse momento de franca mudança, constitui-se a estética barroca, cujas principais características só fazem confirmar os discursos sociais que o atravessam: o

¹ Integrante do projeto de extensão **Literatura de Autoria Feminina**, sob orientação do Professor Charles Borges Casemiro (Edital n. 557/2016).

² Endereço eletrônico: lucasag.pro@gmail.com

exagero e a minúcia formal, o excesso de figurações estilísticas e de representações sensoriais, a complexidade formal gongórica, o conceptismo e a dualidade filosófica que aproximam e fundem as temáticas religiosas e profanas, aproximam e fundem o olhar teocentrado e o olhar antropocentrado, mimetizam os contrastes e conflitos sociais, políticos e econômicos *etc.*

Para Portugal e para o Brasil, os nomes de Gregório de Matos, Padre Antônio Vieira, Bento Teixeira Pinto, Manoel Botelho de Oliveira e Mariana Alcoforado foram separados como pontos máximos da poética seiscentista, todavia, o nosso trabalho está focado na autoria feminina barroca e, mais especialmente, na compreensão dos motivos que fizeram diversas escritoras serem ofuscadas do cenário literário, com o correr dos anos. Algumas destas ilustres desconhecidas: Mariana Alcoforado, Adriana Fagundes, Beatriz da Silva e Sousa, Cecília do Espírito Santo, Helena de Távora, Maria Francisca Isabel de Saboia, Isabel de Castro, Mariana de Luna, Luísa Maria Francisca de Gusmão, Violante do Céu.

A Fênix dos Engenhos Lusitanos

Violante do Céu (1601-1693), conhecida como a “Décima Musa de Espanha” e, ainda, como a “Fênix dos Engenhos Lusitanos”, foi uma das poetisas mais importantes do barroco português. Aos 17 anos, celebrizou-se ao compor uma comédia para ser representada durante a visita de Filipe II a Lisboa. Poetisa de primeiro escalão da arte de ouro, também notabilizou-se pela dedicação à música como instrumentista, tocando, como consta em suas biografias, harmoniosamente a harpa seiscentista. Em 1630, tornou-se freira do convento dominicano Nossa Senhora da Rosa, onde sua carreira intelectual e artística ganham nova complexidade.

Conhecida desde jovem, graças a folhetins que circulavam com poesias de sua autoria, Violante concretiza sua fama quando, em 1646, publica, em Ruão, o livro: *Rimas Várias*, que traz a poesia de sua juventude, maior parte consagrada a amores profanos. Os poemas de *Rimas Várias* são hiperbólicas, repletos de paradoxos, representando, na sua totalidade, um profundo sofrimento do eu lírico:

Soneto n° 22 de *Rimas Várias*³:
Se apartada do Corpo a doce vida,
Domina em seu lugar a dura morte,
De que nasce tardar-me tanto a morte
Se ausente d'alma estou, que me dá vida?
Não quero sem Silvano já ter vida,
Pois tudo sem Silvano é viva morte,
Já que se foi Silvano venha a morte,
Perca-se por Silvano a minha vida. (...)

Note-se, no primeiro verso, o vocábulo “Corpo” grafado em maiúscula. Essa alegorização aponta para a importância da realização material do amor, o sexo entre o eu lírico feminino e seu amante, colocando a temática amorosa no campo do profano. Silvano é representado como a “doce vida” para o “Corpo” do eu-feminino, apartado Silvano do sentimento carnal, nada resta a não ser a “dura morte”. Assim se constrói um eu lírico morto-vivo, completamente paradoxal, para quem vida é morte e morte é vida.

A morte como princípio de destruição e de fuga do sofrimento é representada em quase toda obra da autora. O eu lírico é tão hiperbólico quanto isso que pede ao amado que lhe conceda a morte física, posto que a impossibilidade de realização material do amor já deu ao eu lírico a morte da alma, aquela que é a pior de todas as mortes, uma vez que, como morte abstrata e interior, permite, ainda, a continuidade da vida aparente.

Soneto 22 de *Rimas Várias*⁴.
(...)
Ah suspirado ausente, se esta morte
Não te obriga querer vir dar-me vida,
Como não ma vem dar a mesma morte?

Mas se n' alma consiste a própria vida,
Bem sei que se me tarda tanto a morte,
Que é porque sinta a morte de tal vida.

A despeito, entretanto, de seu livro consagrado aos amores profanos, Violante do Céu, simultaneamente, aprofundou seus estudos, como reclusa no convento, em assuntos religiosos e sacros. Morreu em 1693, sem nada mais publicado que não sua produção pagã. Todavia, postumamente, dois acontecimentos de grande importância voltaram a movimentar a obra Violantiana: primeiro, a publicação de um cancionário

³ Quartetos do Soneto 22, de *Rimas Várias*, extraído do artigo de Eloísa Corrêa, 2015.

⁴ Tercetos do Soneto 22, de *Rimas Várias*, extraído do artigo de Eloísa Corrêa, 2015.

com poemas de sua autorias; segundo, a publicação de seu último livro.

No período entre 1716 e 1728, Matias Pereira da Silva reuniu, em cinco volumes, poemas de diversas poetisas, entre elas, Violante do Céu, e levou a público o *Cancioneiro fênix da Renascida* ou *Obra dos Engenhos Portugueses*. A obra publicada por Matias Pereira traz, contudo, um fato curioso, que merece destaque, a saber: somente alguns poemas de Violante recebem indicação da autoria, outros prezam pelo anonimato, mesmo se tratando de poemas já conhecidos da obra *Rimas Várias*.

Segundo Pires (2004, p. 26), no *Cancioneiro*, foram antologizados 28 poemas panegíricos de Violante: poemas de louvor ou adulação ou circunstanciais, que compõem os volumes I, II e V da *Fênix*; 33 poemas de louvor e de amor, os quais, ressalta Pires, compunham as “mais originais poesias de amor produzidas na época”; são publicadas nos volumes I e II, em seção intitulada *Poesias Várias de uma Poetisa Anônima*. É-nos desconhecido o motivo da omissão da autoria na publicação, no entanto, podemos supor que tal ofuscamento possa ser explicado pela natureza temática encontrada na obra da escritora que, invariavelmente, cortejava a cultura profana em seus poemas, a despeito de ser freira desde 1630. Uma outra hipótese explicativa para justificar o apagamento da autoria dos poemas, na antologia, é, por outro lado, sem sombra alguma de dúvida, a própria ideologia de gênero do século do ouro, afinal, não fazia parte da concórdia social, tão era agradável para tais moldes culturais e ideológicos, a aceitação e a valorização de uma mulher que fosse escritora, que fizesse poesia, figurando, em seus versos, um eu lírico feminino a falar da carne, do corpo, convencionalmente, uma propriedade do discurso masculino, ainda mais, colocando o corpo masculino no lugar de objeto do discurso e não como sujeito do discurso amoroso sensual.

Porém, há que se notar também que a identificação da coleção de poemas como *Poesias Várias de uma Poetisa Anônima*, apesar da atribuição a uma autoria anônima, remetem diretamente a obra de Violante, como uma revelação velada e irônica da autoria, já que se a esconde mostrando, bem à moda das contradições barrocas. Nesse sentido, a determinação do gênero feminino da autoria – “um poetisa anônima” – e a paráfrase do título da obra de onde foram retiradas as composições – “poesias várias”, remetem direta, mas discretamente, às *Rimas Várias* (CORRÊA, 2015), de Violante do Céu, assim mostrando e escondendo, ao mesmo tempo, a autora para seu público.

Quarenta anos após a morte de Violante do Céu, foi publicado o livro: *Parnaso Lusitano de Divinos e Humanos Versos* (1733), em que se concretiza a fase religiosa da poética de nossa freira-poetisa, assumindo uma postura crítica em relação às poesias profanas de sua juventude e procurando uma representação mais coerente com sua condição sacerdotal.

Parnaso Lusitano, tomo I, p. 53⁵
Temer que se execute uma sentença
A todo humano ser notificada
Ação é natural, mas bem fundada
Na conta de uma ofensa e outra ofensa.

Imaginar que é qualquer doença
Precursora da morte decretada
Que muito, se tal vez dissimulada
Vem sem aviso e sempre sem licença.

Condene meus temores que se atreve
A viver sem temor no breve encanto
Da vida que conhece por tão breve;

E tema eu, Senhor, com justo espanto,
Porque se só não teme quem não deve,
Bem é que tema eu, pois devo tanto.

Diferentemente dos poemas da fase profana, agora o eu lírico de Violante assume novas posições a respeito da finitude. A morte não aparece mais como alívio para o sofrimento amoroso, mas como constituindo do próprio amor, já que esse amor se refere ao amor do Cristo para a salvação. A lírica da poetisa se sobrecarrega, desse modo, de um sentimento de aceitação da morte, de respeito a Deus, que a concede a vida e a morte no divino tempo. Na poesia religiosa de Violante, o eu lírico se apresenta como pecador diante de Deus, para quem a morte significa remissão e redenção.

Temer a morte ou julgar que a morte é “dissimulada / Vem sem aviso e sempre sem licença”, não aceitando os desígnios do Deus cristão aparecem como pecados (“uma ofensa e outra ofensa”), que devem ser condenados pelo eu lírico. Também são condenados o desejo de morte por causa de amores mundanos, ou a perda da vontade de viver – o que pode ser notados no soneto 22, da fase dos amores profanos. Todos os

⁵ Soneto extraído da obra *Parnaso Lusitano*, Tomo I, citado em artigo de Eloísa, 2015.

vínculos mundanos passam a ser considerados, na poesia religiosa da poetisa, como efêmeros e enganosos: “breve encanto / Da vida que conhece por tão breve”. Mas, enquanto o amor mundano (como o amor ao Silvano, do soneto 22) e a vida efêmera passam; o amor divino ao “Senhor” perdura, é duradouro e confiável (CORRÊA, 2015) e perpetuador da vida, mesmo na morte.

O paradoxo em sua obra se torna, portanto, cada vez mais nítido. O valor da morte nas poesias religiosas refuta sua concepção sentimental das poesias profanas, como explica Eloísa Corrêa (2015). Aliás, enquanto a morte é usada para se desfazer da vida, para desvalorizar a vida sem amor, nos sonetos profanos, nos sonetos religiosos, a morte e o acerto de contas que ela inicia são usados para valorizar a vida e inspirar a virtude, para cobrar o respeito à morte e a obediência à vontade divina. Conseqüentemente, só o amor a Deus pode salvar o homem na morte, já que a relação do homem com Deus se estende para além da morte, para além do “breve encanto / Da vida”. Enquanto isso, o amor ao homem (como a “Silvano”) se circunscreve ao universo do “breve encanto”, não salvando, mas dando motivos mesmo para que o eu lírico “tema (...) com justo espanto, / (...) pois devo tanto”. Isso porque o amor mundano, o amor ao homem (como a “Silvano”) é breve e condena (“ofensa”, “doença”, “condenação”), enquanto o amor divino (ao “Senhor”) é perene e pode salvar (“justa sentença”).

Considerações finais

Em ambas temáticas dos poemas de Violante do Céu, exemplificadas aqui pelo “Soneto 22 de amor profano” e “Soneto ao amor divino”, a morte é uma condenação e o amor é a via de salvação. Entretanto, na profana, o amor do homem é a salvação da alma para o corpo carnal, durante a vida material; enquanto na poesia contrita, o amor ao Senhor é a salvação eterna da alma na justiça final, desde que o ser humano abdique do “breve encanto” e, portanto, abdique do corpo e se agarre ao amor de Deus.

É, sem dúvida, esta poética contraditória, da ostentação dos desejos dos eus poéticos criados pela escritora Violante do Céu, em seus conflitos entre o sublime e o terreal, em busca, todavia, constante, do perdão e do eterno, que vincula a obra da autora aos elementos de composição mais caros da estética seiscentista.

No entanto, pouco se recorre à poesia da autora, quando se pensa na composição do cânone literário barroco. Poucas são as mulheres que ganharam notoriedade no universo barroco e que mantiveram sua visibilidade com o passar dos séculos. Nesse sentido, presos ao cânone, em nossas atividades de ensino, pesquisa e extensão, corremos o risco de cair na armadilha de perpetuar o ofuscamento de diversas escritoras.

Quanto ao tempo barroco, seria importante destacar que várias mulheres-escritoras, motivadas por desigualdades de seu cenário patriarcal, usaram da literatura como via de resistência, como caminho de quebra de paradigmas e como transposição de limites econômicos, políticos, sociais, culturais e estético-literários do século XVII.

Violante do Céu é uma destas celebridades esquecidas e que, aqui, trouxemos, de modo preliminar, para retomar seu lugar no cânone.

Referências

CORRÊA, Eloisa Porto. Amor profano, morte e amor divino na poesia de Sórora Violante do Céu. *Revista UNIABEU*, v. 8, n. 18. Rio de Janeiro. 2015, p. 321-333.

MORUJÃO, Isabel. Entre o profano e o religioso. Processos de divinização na poesia de Sórora Violante do Céu. *Península. Revista de Estudos Ibéricos*. n. 1. Porto: Universidade do Porto, 2004, p. 277-287.

PIRES, Maria Lucília Gonçalves. Poesia Lírica do Período Barroco. In: História e Antologia da Literatura Portuguesa. SÉCULO XVII. Poetas do Período Barroco I. Nº 28. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

INTRODUCTION TO POETIC SHELL-WORK OF SÓRORA VIOLANTE DO CÉU

ABSTRACT

This article proposes a brief introduction to the studies of the Portuguese - to the studies of the Portuguese Baroque literary school, contextualizing writers of the 17th century, with a view to a preliminary presentation of the poetess Soror Violante do Céu, author of Various Rhymes (1646) - the poet's only book Published in life - and Lusitanian Parnassus of Divine and Human Verses (1733) - the author's last book, published posthumously. For this initial presentation, we take as a starting point, the studies of Isabel Morujão (2004) and Eloísa Porto Corrêa (2015).

Keywords: Baroque Poetry. Sórora Violante do Céu. Introduction Sórora Violante do Céu.